

CIÊNCIAS E PSICANÁLISE

—

Jean Szpirko

Jacques Laberge : Então, vamos começar?

Eu penso que nós temos muita sorte de podermos ouvir Jean Szpirko hoje à noite. Ele iniciou um movimento chamado "Errata" que é um dos grupos que vieram depois da dissolução da École Freudienne de Paris. Ele é diretor deste grupo e da Revista Carnets de Psychanalyse.

Então, dou a palavra a Jean Szpirko.

Jean Szpirko : Começo para dizer Boa noite. Eu peço desculpa pelo atraso, porque o tema combinado entre nós é a Ciência e a Psicanálise, esclarecidos pelo Real, Simbólico, Imaginário.

Eu sei muito bem que o R.S.I, é algo utilizado muitas vezes em Lacan e muitas vezes ainda por alunos de Lacan, e, em geral, fica extremamente obscuro. Temos desenhos de círculos para explicar coisas e no fim ninguém entendeu nada e se faz confiante no tempo que passou para falar. (risos)

O que vou tentar hoje à noite é pretencioso da minha parte, é tentar tornar perceptível como essas categorias lacanianas permitem ouvir e, mais ainda, se o campo no qual o R.S.I. foi desenvolvido como diz respeito especificamente à Psicanálise... Acontece que a Física contemporânea, algumas ciências contemporâneas, podem ser igualmente esclarecidas pelo R.S.I.

A questão é poder demonstrar isso. Então, o projeto que tenho hoje à noite, com essa finalidade (o que quero propor), é claro, uma apresentação, mas eu desejo que se a menor coisa parecer obscura, que vocês possam dizer, que vocês possam me interromper. Quero dizer assim que o mais importante não é o tempo para fazer música com palavras, mas podermos ter uma troca entre nós.

Trata-se, então, para podermos trocar, de propor uma articulação lógica nas proposições. Se se trata de um discurso fechado sobre si mesmo, não há troca possível. As origens, agora, se quisermos tentar pensar, não é porque falamos que provamos que pensamos.

O fato de falar dá testemunho de um prazer (talvez!) mas não necessariamente de uma procura de significação. E não é porque Psicanálise diz respeito mais ao sentido que à significação, que devemos renunciar a tentar pensar. Existia um filósofo alemão Heidegger, que escreveu um livro chamado "O que é pensar?". O primeiro capítulo do livro introduz algo assim: pensar seria traduzir grego em alemão. Como ninguém sabe o que os gregos queriam dizer, na articulação das proposições que eles faziam (inclusive em Aristóteles), somos obrigados a inventar uma significação provável. E essa significação provável é incerta. Entre o provável e o incerto há uma margem, um pequeno espaço, e nesse pequeno espaço há uma

possibilidade de tentar saber como nos situamos, como se faz apostas, porque há, forçosamente, uma aposta de crença para tentar pensar.

Quero dizer assim que não podemos definir o objeto em si mesmo. Somos obrigados a definir o objeto em relação àquilo que ele não é e é a definição daquilo que ele não é que nos permite tentar aproximar aquilo que ele poderia ser. É exatamente o procedimento de Descartes, pois Descartes com a metáfora da cera... (Você se lembrou disso, do pedaço de cera?)... que não podíamos saber o que é um pedaço de cera, mas podíamos amassar e, eventualmente, fazer formas e diferenciar duas categorias: o espaço e a dimensão (a extensão), o domínio do conhecível se situava em relação ao espaço, porque no espaço dava para fazer uma geometria, enquanto da natureza do pedaço de cera não se podia dizer nada.

Vocês sabem muito bem que Descartes é o filósofo francês a partir do qual a ciência foi tornada possível. Em particular foi ele quem inventou que uma linha reta equidistanciava dois pontos. Isso não era uma barra, não era uma corda tensa, era uma pura abstração entre dois pontos. Descartes foi muito importante para Freud e muito importante para Lacan, pois sabemos muito bem todos os desenvolvimentos que Lacan deu a partir do "cogito".

Bem, para Freud, Freud tinha um grande problema. O problema pode ser encontrado nos Três Ensaio. Ele tenta diferenciar a Ontogênese e a Filogênese. Ele tenta explicar que o único campo do conhecível depende da Filogênese e não da natureza das coisas, porque esta natureza (como o pedaço de cera), não podemos saber nada dela. Podemos saber só os efeitos e podemos situar no espaço, no espaço analítico, por exemplo.

Lacan deu a este espaço construído por Freud uma outra dimensão. Para Freud, ser obrigado a praticar uma metapsicologia na qual fazia apelo a coisas às quais dizia que não existiam, mas que eram necessárias para se compreender o que se passava. Por exemplo: Édipo não é um problema de psicanalista. O problema de psicanalista é a estrutura atrás do Édipo: isto é, a castração. O problema é que não é possível dizer a castração, então se usa o mito para isso. Para tentar explicar a dívida que cada um de nós manifesta no tratamento analítico, através da culpabilidade, por exemplo, Freud tinha inventado essa metodologia de um Pai Arcaico. Ninguém crê nesse Pai Arcaico, mas não se pode compreender como a estrutura do sujeito coincide com uma estrutura situável em todos os sujeitos afetados pelo inconsciente se não se inventa essa história de pai arcaico.

Lacan utilizou algo novo que Freud já havia invocado muitas vezes, particularmente no Chiste quando fala de representação de palavras. Igualmente em outro artigo mais conhecido em Freud, sobre a denegação, quando Freud fala precisamente de algo: é que o universo mental de um sujeito é constituído de representações. Mas o grande problema das representações é que elas são internas ao sujeito. Então, o que seria uma representação objetiva em relação a uma representação subjetiva? Freud não consegue esclarecer isso. O único recurso que ele tem é pensar que alguns evoluíram pouco em relação à Neurose Infantil, em consequência disto, poderá se saber o que é uma realidade objetiva. Por isso, vou tentar falar de Real/Simbólico/Imaginário (RSI) articulando a partir daquilo que Lacan produziu mas sem dispensar Freud. Mas, não vou utilizar a demonstração de tudo. Farei uma aposta preliminar: é uma banda de Moebius e os pontos fundamentais da Psicanálise, aqueles sem os quais não se pode pensar a Psicanálise. É um Moebius

qualquer. Vocês sabem o que é uma banda torcida. Lacan havia dito que para poder falar de Psicanálise não é possível dispensar o dizer de Freud. O primeiro dizer de Freud que eu tomo seriam as teorias sexuais infantis. Isto é, o inconsciente, suas emergências são ligadas a essas teorias sexuais infantis e essas emergências, temos delas o reflexo por intermédio de representações, o que aceito definir sob o termo significante e um significante seria o que representa um sujeito para um outro significante. Eu vou logo diferenciar o significante do signo, porque muitas vezes chama-se significante um signo. Devo dizer que um termo, aqui, pode ter uma função significante e pode ter também uma função de signo.

Eu chamo signo o que representa um sujeito para um outro sujeito. É assim que temos como signo uma bandeira, uma medalha, às vezes mesmo significantes que não têm valor de significantes, mas que têm valor de signo de reconhecimento. Isto é, vocês utilizam esses significantes, eu também, fazemos parte do mesmo grupo. Pode-se fazer assim um grupo que vai militar em nome do significante enquanto não tem nada haver com significante. Seria uma maneira de fazer uma igreja em nome do significante enquanto o significante, este, só é um signo.

Eu paro neste ponto de partida.

Então, o ponto que eu vou retomar, é que para Lacan o inconsciente é estruturado como uma linguagem, esta linguagem sendo articulada às teorias sexuais infantis. Agora, chega-se a problemas que vou rapidamente situar do lado da Psicanálise e depois vou invocar algo do lado das "Ciências". Depois retomarei o RSI para tentar ver como a Psicanálise, como o RSI na Psicanálise tem relação com as Ciências.

Quando alguém fala e diz: para vir de São Paulo até Recife é preciso tempo. Todo mundo sabe que é preciso tempo para ir de um lugar para outro. Assim como para vir desse lugar onde estou sentado até o fim, lá... É um percurso que necessita tempo. Quem vai se admirar com isso? Mas, quantas vezes ouvimos, durante o dia, "Precisei de muito tempo para chegar até você"? Lamentamo-nos em relação ao tempo que usamos para cobrir uma distância qualquer. Às vezes usamos muito tempo para nos queixar. Aliás, uma grande parte da Psicanálise consiste em se queixar; porque, não sei se vocês observaram, o mundo não é nunca bem conforme aquilo que nós desejaríamos. É tipicamente aqui a dimensão imaginária - a queixa é da dimensão imaginária. Algo de realidade poderia ser um saber sobre o fato que a queixa é da dimensão imaginária.

Agora, o Real. O Real nos incomoda muito. E a discussão que tive hoje de manhã com o Jacques Laberge, não é porque trabalhamos com a questão que a questão é facilmente resolvida. Vamos tentar aproximar essa questão. Já que dissemos que pelo menos aquilo que Lacan diz, ele dizia que o ato sexual é uma relação de Real e ao mesmo tempo que o Real é algo impossível. Ao mesmo tempo o Real era Deus, eram os deuses. Ao mesmo tempo que o Simbólico é que bordeja o Real. Muitas fórmulas que cada um de nós pode torcer a seu jeito, em função das preocupações sexuais infantis que reelaboramos de maneira conveniente falando de filosofia ou teologia, hoje, ou de psicanálise.

Eu proponho fechar o parêntese com essa introdução à Psicanálise. Evocarei alguns aspectos das Ciências.

Nas Ciências de maneira empírica, o Real podia aparecer como algo evidente para todos. Seria algo concreto: o Real é a mesa, o banco, a madeira.

O resto são especulações. Uma especulação teológica para os empiristas, a partir do momento em que as especulações têm como objeto a especulação, mas não é articulada com o Real. Assim a física, a química davam lugar a especulações que eram controláveis pela experiência. O problema hoje é que além do motor a explosão, não se vai muito mais longe com as teorias empiristas. Não é de jeito nenhum com isso que funciona a televisão nem o telefone. Aliás, agora ninguém pode saber como funciona um telefone ou uma televisão. Há mesmo coisas que só devem a existência porque necessitado pelo cálculo.

Não há prova concreta da existência de uma substância ou de um corpo senão que esse corpo é necessário para compreender algo de um problema. Por exemplo: vocês já ouviram falar de laser. Com o laser se pode operar cirurgicamente olhos, feridas, pode-se mesmo mandar contra os iraquianos mísseis com grau preciso extraordinário. O que é o laser? É um fluxo coerente de fótons. O problema: será que os fótons existem? O que é um fóton? A luz circula... Para poder circular é preciso algo que a transporte e com que velocidade? A velocidade da luz. Ora, conforme as teorias físicas de hoje, com a Teoria de Einstein ainda não contradita, quanto mais a velocidade de um corpo aumenta, tanto mais a massa do corpo aumenta. Assim, um fóton, se ela tivesse a massa mais ínfima que seja...

(mudança de fita)

... vasculhar o mundo... Fazer reviravoltas, o mundo seria pulverizado... É assim que os cientistas decidiram que os fótons existiam mas que a massa de um fóton era igual a zero. Por quê? Porque é necessário! Isto é, a existência é estritamente o fruto da necessidade.

É assim também para um grande número de corpos que os físicos não cessam de inventar. Nada prova que esses corpos existem, a não ser que são necessários para o cálculo. E uma vez que são necessários para o cálculo, pode-se inventar instrumentos que situam o vestígio desse cálculo. Os instrumentos não medem o que se passa no mundo, mas os traços que esses cálculos tornam perceptíveis graças aos instrumentos.

Também os instrumentos são somente uma certa maneira para os homens de inventar o mundo que os cerca. Não inventam de qualquer maneira, mas o inventam conforme um certo número de referências de saber, partilhadas por um conjunto sociológico de cientistas. Não vou insistir sobre isso, mas, vocês podem ler, por exemplo, nas declarações da Escola de Copenhague, que a referência na Teoria dos Quantum; vocês poderão ver que o mundo é meramente uma construção intelectual do campo do saber daqueles que o interrogam.

Isto é, o mundo para somente um observador humano, um observador, um instrumento humano, responde às perguntas na forma que os homens colocam o mundo - isto é, o mundo uma mera, uma pura criação!

Há dois ou três autores fundamentais, se me permitem sustentar aquilo que proponho: "Bernard Baas" físico-teórico internacional e também filósofo. Bernard Baas, Pregogine e René Thom, matemático. Entre os livros de Baas, existe um que se

chama "O Real Encoberto". Este Real encoberto com véu, velado... Por que velado? Será que o véu está na frente ou atrás? Nem atrás, nem na frente. O Real é tecido no véu, isto é, o tecido, o tecido de saber que nos dá pontos de incertezas, pontos "quebra-cabeças". O Real é lá onde o saber não pode ter acesso e todo procedimento das Ciências consiste em tentar responder a uma pergunta: como tentar preencher esse buraco de Real que existe no véu? E todas as produções de saber trazem uma pequena parte de resposta a esse buraco, ao mesmo tempo em que o número de perguntas de coisas desconhecidas se desenvolvem em proporção às respostas que adquirimos. É como se o Real sobremultiplicasse suas dimensões na medida em que se traz perguntas e que serviram para preenchê-lo. Podemos continuar muito tempo sobre isso. Eu vou voltar à Psicanálise.

O que se passa no procedimento de um tratamento? Lacan nos ensinou a ler o discurso como um tecido, como uma superfície, na qual haveria buracos. Buracos do saber, por exemplo. O problema da castração, vocês sabem muito bem, é correr atrás de um fantasma que teria como objetivo compensar pela castração, como se pudesse preencher os buracos, mesmo só produzindo significante que, afinal de contas, diria a verdade absoluta. E nesse procedimento, de produzir constantemente significantes, a falta se desenvolve na medida em que se propõe preenchê-la (a falta). Vocês podem ver as correspondências. Vou tentar situar em RSI (no seminário RSI). Vou utilizar estritamente, agora, as categorias RSI. No primeiro tempo, em relação ao procedimento científico. Vocês sabem muito bem que o operador em psicanálise é o analisante. É ele que tem a produzir o saber que ele não sabe que tem.

Nas Ciências, eu proporia chamar esse operador com o termo de "procurador/pesquisador". Vocês sabem muito bem que há pessoas em análise e que no júbilo de estar em análise fazem com que o tratamento esteja numa parada permanente. Porque basta estar estendido permanentemente no divã para que o prazer dessa situação dure o tempo necessário para que nada aconteça. Para pesquisadores, a partir do momento em que são funcionários e que tenham algumas páginas a produzir cada ano para dizer que são pesquisadores, não vale a pena quebrar a cabeça com procedimentos que de qualquer maneira têm pouca chance de chegar a uma conclusão.

Então fazem economia dos resultados e dos meios.

Eu vou supor um pesquisador e um analisante que são trabalhados por perguntas, por questões. Eu vou inventar um pesquisador e vou generalizar. Newton nos deu leis de atração dos corpos. Mas Newton não tinha nada a fazer com a atração dos corpos. Os problemas de Newton eram os problemas de alquimista e seu problema era demonstrar DEUS. Isto é, ele tinha uma construção imaginária que o perseguia e ele trabalhava sobre a pressão desse imaginário. E ele se encontrava nessa situação em que presumia que o mundo tinha um saber e que esse saber iria ser revelado se se fizesse esforço. Ele estava numa dialética de saber. Ele interrogava o mundo, mas não podia interrogá-lo. Era como se o mundo dissesse a ele: "Procure!".

Vocês têm exatamente, um aspecto, porque há outros aspectos possíveis... Não vou dizer todo o verdadeiro. Dou uma orientação: vocês têm ali um aspecto do conhecimento paranóico, quando o objeto interrogado se comporta como se fosse ele colocando as perguntas. Como se perguntava ao pesquisador Newton, ou a um analisante para prestar contas. Por que, o que faz um analisante? Ele se situa no

duplo movimento quando ele se pergunta a si próprio "o que quero?... O que acabo de dizer?"

Eu proponho esta primeira linha na qual eu situaria o imaginário. É o imaginário que especifica um sujeito ou que é coletivo; por exemplo, os paradigmas, que faz com que todos, hoje, admiremos, veneremos a natureza. Como se lá comportasse segredos que a Ciência não nos revelaria, mas que nos revelaria pela graça. Isto comporta alguns (uns certos) números de acentos religiosos muitas vezes desconhecidos.

Eu proponho situar aqui o Real e vou propor nesse momento situar um "sigma", isto é, aqui eu tomei o Real e Imaginário e que não é o Simbólico.

Vou voltar mais adiante para o Simbólico. Eu situo aqui como se o nó de corda fosse somente um ponto. Então, vocês têm no nível do Sigma todo um conjunto de enunciados, todo um conjunto de formalizações, como as Ciências nos propõem. Eu disse aqui que o Real era desconhecido, mas era o Real que interrogava o imaginário do sujeito, ao ponto de pedir a ele, prestar contas, ao ponto de produzir saber. Eu proponho a vocês manter a mesma base entre o Imaginário e Real e na ponta, em cima do triângulo, o Simbólico.

S (fé)

(saber)

brecha insuportável

(crença) I

R (textos sagrados)

O problema do Simbólico na Psicanálise é que não se pode falar do Simbólico, pode-se falar somente dos efeitos da simbolização. Há tratamentos nos quais há um remanejamento da história do sujeito, uma reinvenção da história, num ponto em que o sofrimento havia ocasionado a demanda (que produziu a rememoração, até uma reelaboração da história); termina-se por um novo recalque, um recalque simbólico que é o remanejamento da história. Como esse remanejamento simbólico se efetuou? O paciente não é capaz de dizer, e o analista faz meras conjecturas. É como ele imagina que o procedimento desse tratamento se desenvolveu. Entre e o S (simbólico) há uma brecha e essa brecha, que evoquei ontem no CEF, a despeito do fim da análise dos analistas, é que essa brecha, esse espaço é absolutamente insuportável.

Eu proponho um "delta" - é a medida de um espaço, de uma brecha. O que é que é essa brecha? É que cada um de nós aspira um coletivo do qual se sabe que é inacessível. Haveria uma idéia, que se fôssemos perfeitamente analisados,

poderíamos falar com outros analistas como se a linguagem não carregasse mais ambiguidades; como se houvesse uma metalinguagem, o que aprendemos que não existe. Mas, apesar de tudo, seria tão bom! E temos assim um certo número de pessoas que fazem uma análise rica, criativa, até chegar o momento (que é um vocabulário que existe...) que se chama "constituído de significantes", mas que são meramente signos e os signos de pertencer é que cimentam os grupos, as Igrejas, as Forças Armadas, os Exércitos, com preconceito de desconhecimento compartilhado. Porque, justamente, é extremamente confortável não interrogar o saber do outro na medida em que se poupa a ele e se faz semblante. Fazer "como se" o saber dele fosse consistente.

O preço a pagar, o pacto, é que se não interrogo o saber do meu interlocutor para não colocá-lo em falha e fazer valer a sua castração, o pacto é que ele faça a mesma coisa comigo.

Também que conjuguem nossas ignorâncias com representação de saber, com "emblemas" de saber.

Entre o " " e o " S " (simbólico) há uma tensão perpétua que consiste numa dialética paradoxal: como suprimir a brecha, que felizmente existe? Ou então, em outros termos: como manter a brecha, apesar do saber que eu tento desenvolver? Porque, de uma outra maneira, não há nada pior que a Comunidade. A solidão tampouco é confortável. O ponto de diferenciação entre as Ciências e a Psicanálise depende disto: o Real interrogado na Psicanálise que se trata do impossível (vou voltar sobre isso) como nas Ciências. Esse impossível é articulado sobre o sexo. É que eu quis anunciar no início da minha apresentação quando disse que uma banda de Moebius articulava as teorias sexuais infantis com o inconsciente estruturado como linguagem. Isto é, o objeto de saber em Psicanálise é estritamente um saber sobre o sexo.

Saber impossível e que pode-se simbolizar pelas apreensões, por aprender que não pode ser apreendido a não ser pelas problemáticas.

específicas do sujeito confrontado ao Real do sexo. Este Real do sexo evidenciado por cada um de nós, em pequenas histórias específicas, é o confronto, o choque com essas pequenas histórias que faz perceber na repetição a impossibilidade de aprender esse Real. Isto é, há uma evidência do sexo que se acompanha de ignorância como todas as evidências e a partir do momento em que se fratura uma evidência, coloca-se a questão: "o que há atrás dessa evidência?" Que algo mascarado pela evidência remete a um saber, sem que se possa tirar um "pedaço" desse Real. O que se passa no Real das Ciências não é o Real do sexo. De que se trata? É o real da natureza, o que é quase pleonasma. Porque Real/Natureza/Deus, podem ser várias faces de uma mesma questão, como o SER, por exemplo. O que pesquisa o pesquisador não é o Real do sexo, mas um deslocamento da questão do sexo, da mesma maneira que as mulheres sabem disso melhor que os homens. É que os homens pensam que podem falar de navio ou de motor a uma mulher, ou de matemática, e eles acreditam que falam de motor, navio e matemática. (risos) As mulheres sempre sabem que se trata de outra coisa.

O importante é que, a priori, se se aceita pensar que a neurose obsessiva é mais frequente nos homens, percebe-se por ali que a dimensão da enunciação é percebida pelas mulheres mesmo sem ter feito análise, enquanto para os homens é muito difícil. Posso contar para vocês uma pequena anedota, não

significa que os homens sejam completamente ignorantes da enunciação. Por exemplo: se um homem diz a um outro homem (que lhe toma um cigarro, que fuma um cigarro): "Pedro parou de fumar". Ele vai dizer isso a Paulo, que fuma. Talvez Paulo não entenda muito bem, então ele insiste: "Pedro parou de fumar!" Ele dá uma informação e Paulo responde: "Eu aborreço você...", "encho seu saco"... ele repete a...

(mudança de fita)

Havia um julgamento e aquele que fazia o julgamento se dava o direito de julgar ainda que não responda ao enunciado, mas responde à enunciação. Os homens podem perceber, mas menos facilmente que as mulheres. É o mérito da Histeria.

Eu volto a este esquema. Eu o situaria aqui, entre o Simbólico, que poderia nomear de uma certa maneira, em linguagem, por exemplo, lacaniana, quando o significante saussuriano que é todo aquele no qual não cremos. Porque quando dizemos que não é imaginário, que precisaria fazer uma limpeza do imaginário do sujeito, falamos de algo que não existe; pois o imaginário sempre existe, simplesmente em certos momentos esse imaginário vacila e lá aparece o sujeito, para o qual o significante só tem uma função para ele, senão em relação a um outro. Aqui estamos na dimensão do simbólico. Mas o fato de dizer isso a vocês, o situo do lado do saber e não garante a vocês, de jeito nenhum que para aquele que vos fala, esta função simbólica foi adquirida. E quando digo adquirida, eu digo uma mentira, porque o simbólico nunca é adquirido. Ele é uma emergência pontual que se apaga como se ele deixasse o traço, o vestígio do seu apagamento. E o procedimento de um tratamento é a acumulação das marcas desse apagamento. Nesse ponto de cruzamento eu proponho situar a nomeação.

Uma das coisas que voltei ontem à noite, para o problema de testemunhar quando alguém quer testemunhar de sua análise, que diz respeito ao passe, mesmo que devamos ser muito reservados em relação ao passe. Este momento de nomeação não pode ser audível, senão a partir do momento em que a singularidade radical cruza uma possibilidade de coletivo no campo do saber. Porque se não há cruzamento, nada há para ser ouvido. Há talvez uma nomeação, mas é uma nomeação não audível.

Eu vou parar daqui a pouco, simplesmente para dizer: se alguém vem colocar esse sintoma de ficar curado de uma paralisia ou se tornar analista (é um sintoma difícil a curar para alguns) [risos] a passagem do " " a " S " (simbólico) é impossível, sem a passagem pelo tratamento, isto é pelo imaginário. Isto é o protocolo do tratamento.

Se se pode reter simplesmente; se os nós, os matemas, \$ ou o pequeno a, todos os matemas pertencem ao campo do Sigma, ou seja, o campo de S_2 . Isto é, não testemunha em nada do limiar de uma análise. Falar da castração, não testemunha que se passou por lá. Por outro lado, quando alguém conta uma história da qual a falta ou a culpabilidade singular encontra um eco na linguagem, sendo a linguagem portadora de uma falta estrutural, pode-se dizer que talvez o sujeito passou por algo de uma história na análise.

Agora, para terminar, vou evocar alguns elementos do Real no que diz respeito às Ciências. Eu vou propor algo a respeito de Deus.

Vimos há pouco que nas Ciências o Real é velado, isto é, construído de tecido que ele tentava apreender. Lacan nos fala muitas vezes do Real, do Ser, de Deus, do Impossível. [risos]. Há uma coisa que ensinamos às crianças: é contar, calcular: 1, 2, 3, 4... O fato de calcular foi colocado à prova em muitas práticas que dizem respeito a nós. Podemos comprar camelos em troca de ovelhas. Pode-se comprar mulheres em troca de camelos [risos]. O problema da contagem, do cálculo, na Grécia Antiga, no Fórum (eu me refiro aqui a Piersé...) é dar uma equivalência de cálculo, de contagem, equivalência permanente. Por exemplo, para trocar uma massa de trigo por um volume de madeira, porque se eu for mais forte e bater na cara dos outros para tirar madeira sempre, não virão nunca mais ao mercado. E se se mudar muito as regras, todos os dias, não haverá mais sistema de equivalência aproximativa. É o que faz a aritmética, a aritmética para os açougueiros e comerciantes. É que há uma conversão entre um peso e um preço, há milhares de anos. É evidente!

Disse há pouco que a evidência é o que mascara a ignorância. Há matemáticos que se colocaram essas perguntas. Uma pergunta curiosa: para saber se uma coisa é consistente, que o sistema de uma coisa... Será que pode ser demonstrado o próprio sistema da coisa? Os comerciantes não se colocam essa pergunta. Eles sabem contar. Os matemáticos têm problemas com "2 e 2 fazem 4". No "D. Juan" de Molière, não há problemas com "2 e 2 fazem 4". Quando seu empregado lhe pergunta em que ele acredita, ele diz "2 e 2 fazem 4 e 4 e 4 fazem 8". É evidente! Há um matemático que se chama Gödel e que decidiu esse truque idiota de demonstrar a consistência da Aritmética. Então, ele afetou o número, o mais, o menos, o igual... Acrescentou números. "mais, menos, igual", todos os símbolos, um certo número de valor para mostrar a consistência da aritmética. Ele chegou a uma coisa que fez com que muitos matemáticos tivessem uma depressão nervosa. Mostrou que não chegava a demonstrar a consistência da Aritmética. Ele mostrou que era impossível demonstrar. Essa demonstração de impossível é quase o que cerne o Real. É quase a borda de um Real enquanto a consistência da Aritmética é impossível. Isso é demonstrado. Para voltar a questão do Ser. O Ser muitas vezes assimilado a Deus. Para os gregos, a questão se colocava assim: se eu arranco uma unha, continuo sendo o ser que eu sou. Se tiro um dedo, também. Se tiro um braço, também. A partir de que momento aquilo que é tirado, faz com que o ser que eu sou **seja** ou **não seja**, mais. O problema foi completamente transformado com as teorias da linguagem. É que o Ser não é algo que está à origem; é algo que é suposto à extremidade da palavra. Não é algo que existe verdadeiramente na materialidade concreta, empírica; mas como algo inventado, que existe necessariamente para dar um sentido. O fato de falar não é sem motivo que se produz. Isto é, que o Ser somente existe senão como linha de horizonte da palavra, da fala. É igualmente uma posição que se pode dar a Deus.

Eu terminaria com isso fazendo um paralelo entre Psicanálise e Ciência, nas Ciências da termodinâmica (é tudo que vocês aprenderam em química).

Vocês têm um corpo aqui, uma flecha e uma série de corpos à direita. Isto constitui uma equação e se diz que numa equação, os valores da esquerda devem ser equilibrados com os valores da direita - assim como "nada se perde, tudo

se transforma". Agora, tem um problema em termos termodinâmicos: há uma lei que diz que não é verdade, que não é completamente verdade - há uma perda, essa perda tem um nome: chama-se entropia. E se diz, então a partir disto, generalizações dadas são de entropia, a entropia da informação, por exemplo, onde se faz circular a informação há perda. Então, vocês podem ver muito bem a ligação que há igualmente quando coloco um significante que representa um sujeito para outro significante ao mesmo tempo em que cai o objeto chamado "pequeno a", que é perdido e que esse significante é incompleto. Falta a ele algo para completá-lo e recomeça a operação numa cadeia sem fim. No sem parar há sempre "pequeno a" que faz entropia à palavra. Um dia, vou voltar sobre isso, discutir com um físico que me disse essa reflexão: mas essa entropia que não existe em Teoria Quântica só existe em termos termodinâmicos. Essa entropia deve ter um lugar onde ela se recupera. Ele não podia imaginar que a perda se recupera. Ele não podia imaginar que a perda não é um lugar de recuperação. Em nós mesmos a força de falar e de falhar o que dizemos onde, enfim, poderia não ficar perdido. Enfim, poderia se falar não sem motivo, por nada. E proponho definir Deus por essa forma - é o lugar de recuperação da entropia da palavra.

Jacques Laberge: Então antes de iniciar o debate, logo quero agradecer ao Jean, por sua exposição, em que ele misturou, acho, uma certa simplicidade com inteligência e humor. E, então, quem gostaria de fazer perguntas ou debater, enfim, questionar?...

Eu tive a impressão de que essa última colocação colocava Deus muito mais do lado do Imaginário do que do Real.

Jean Szpirko: Eu penso que Deus é colocado do lado do imaginário quando ele tem a sua figura de pai que justifica a existência da palavra, mas a partir do momento em que ele é criado, Deus é criado como uma construção lógica que não pode ser criada. Isto dá a ele uma existência não como criador, mas como função imanente da palavra, da fala. É ali que toma uma função simbólica o real.

E eu colocaria do lado do real os textos sagrados; do lado imaginário a crença; do lado da figura os comentários; e, do lado do simbólico, a fé, na medida em que me refiro aquilo que conheço dos místicos é que a fé é sempre uma aposta, um dom de algo a alguém, a uma instância da qual não se esperava nada, embora esperar nada não está longe de esperar tudo.

Maria do Carmo Vieira: Os textos do Mestre Eckhart e São João da Cruz em relação... parece que o nada estaria muito mais no lugar do real, o real do texto indicando o simbólico...

Jean Szpirko: Os textos são do campo do real, porque não podemos esgotar o sentido de um texto, mesmo que possa veicular Imaginário. O problema dos místicos renanos e Mestre Eckhart em particular é que ele tinha absolutamente bem entendido algo sobre o fato que utilizava atributo qualquer embora seja magnificar Deus com um atributo qualquer. Qualquer magnificação é humana, ... a partir do momento em que é humana ela é limitada. Dizer que Deus é infinito é atribuir a Deus já limite. Eu penso que o que é interessante é que havia percebido bem a relação entre Eckhart e Deus, mas já os textos o diziam: "No início era o Verbo". Aliás, na Bíblia, há algo semelhante a isto, porque sabemos que Deus parece ignorante do que se crê. Ele disse: "Quero que haja luz", e houve a luz, e "Deus viu que a luz era boa". Como se fosse necessária a nomeação para adquirir saber e para dar atributos.

Jacques Laberge: Eu tenho uma outra pergunta, mas gostaria de saber se outras pessoas aqui tem perguntas a fazer.

... A pergunta que tenho é que na última metade de seu ensino Lacan disse que há mulheres uma a uma, e que A Mulher não existe, e que Deus está no lugar d'A Mulher, e que não Outro do Outro...

Jean Szpirko: É no Seminário Encore que Lacan designa o Outro, ao qual ele dá várias figuras. Estas diferentes figuras são erotizadas diferentemente, conforme os sujeitos. Como linha de horizonte de seu discurso, uma das figuras é o Nome-do-Pai, a metáfora paterna. Outra figura é o Falo.

(mudança de fita)

... Deus, uma outra figura. A Mulher, se ela fosse toda, seria A Mulher com a qual sonham os poetas do amor cortês... estou esquecendo uma figura... tudo isto são figuras do Outro. Essas figuras são funções, só existem por funções, assim como o Ser existe somente por função, como função, e a existência do Real em psicanálise é absolutamente crucial porque se não há Real volta-se a uma possibilidade hermenêutica infinita ou nominalismo, quando o termo, a palavra inventa a coisa. É possível que a palavra invente a coisa, mas há condições para isso e a condição fundamental é a função sexuada que organiza o que disse aí de início: o fato que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.

Maria do Carmo Vieira : ... a perspectiva é... se... paralelamente... (inaudível)

Jacques Laberge: Alguém quer falar, questionar, discordar...

Em resumo, a pergunta da "Du" é sobre a comparação entre a Psicanálise e as ciências ao nível das perspectivas, prospectivas, comentando que alguns lacanianos resumem-se a um estruturalismo fechado.

Jean Szpirko: Eu não acredito que as ciências afins nos trazem esclarecimentos sobre a psicanálise, mas eu creio na metonímia de suas práticas, que podem nos dar, como disse no início da exposição, problemas de tradução do grego para o alemão. Poderiam se traduzir outras línguas, se preferem... Isso dá distanciamento que nos permite tentar pensar em outros termos que no fascínio dos signos. Eu convidei o autor Bernard Baas em colóquio organizado em junho e achei notável tudo o que ele disse e tentei dizer um pouco claramente, e coloco muita erotização na clareza... na escuridão... daquilo que ele dizia. Ele me olhou com olhos enormes, (risos) eu continuei a refeição sendo muito gentil, sem mais prolongamentos... Não creio que se trate de renovar o estruturalismo porque creio que o Real é um passo para frente.

Sônia Coelho: (inaudível)

Jacques Laberge: Então a Sônia está fazendo uma pergunta sobre o que é que poderia haver entre as teorias sexuais infantis de Freud e o "não há relação sexual" de Lacan.

Jean Szpirko: As teorias sexuais infantis de Freud estão na origem do sistema de criação do mundo, o sistema de mundo que cada criança, que cada adulto suporia universal, porque apesar da diferença dos outros é persuadido que cada um vive no mesmo mundo, que as palavras podem ter o mesmo sentido e que o dia em que os deixarão de ser maus todo mundo poderia se entender e o amor universal enfim realizado. Eis o sistema de mundo. "Não há relação sexual" se caracteriza pelo seguinte: não há dois sistemas do mundo equivalentes. É o exemplo que tirei ontem à noite quando um homem e uma mulher fazem amor no ato sexual, este ato sexual só tem sentido porque cada um se conta histórias a si mesmo. Não há nenhuma carícia sem que cada um invente todo sistema de correlações de uma história. O problema é que eles não se contam a mesma história, é isso que faz com que "não há relação sexual", mesmo que façam amor.

Sônia Coelho: Como isso teria incidência sobre o fim da análise?

Jean Szpirko: Eu penso que para Freud - não vou responder logo - eu acabo de ler, vindo de Porto Alegre, o livro de Yerushalmi, judeu-americano, extremamente erudito em todos os textos sagrados e que trabalha com a IPA, e de maneira muito séria. Ele escreveu seu último livro que se chama "O Moisés de Freud". Eu acho esse livro simplesmente notável, me encantou porque se vê perfeitamente como o homem Moisés que foi inventado por Freud, o pai da horda, invenção de Freud. Todos esses pais são figuras míticas nas quais não é necessário se acreditar, mas que são necessárias para as funções míticas. Agora eu volto à sua pergunta: Freud é limitado pela sua concepção de fim de análise, sobre o confronto-limite, a rocha da castração. A partir do momento em que a representação se torna um significante e o inconsciente, que não existe, ou só porque é inferido por necessidade, a noção de existir tem muitas funções no inconsciente estruturado como uma linguagem, a noção de castração não constitui mais uma rocha, mas algo que está na estrutura mesma da linguagem, que permite ir além sobre o fato de que cada indivíduo é sujeito da língua ao mesmo tempo em que em... há estruturas universais na língua.

É possível se conjugar a noção de dívida tal como cada um ressentido em sua própria história... com a dívida estruturalmente inscrita na linguagem. Isso coloca outros tipos de problemas entre o particular e o coletivo sobre outro viés que Jung tinha invocado. Mas a partir do momento em que se evoca a noção de coletivo, esses elementos de estrutura se tornam universais. Cada um se caracteriza pela maneira como se incorpora à sua própria história, assim como a história faz eco, da maneira como é habitada pela linguagem. Isso permitiria ir mais além da análise e dar a essa coisa situada por Ferenczi, esse tipo de psicose experimental que acontece às vezes em fim de análise, que Lacan designou com o termo des-ser.

Jacques Laberge: Alguém tem mais perguntas? Quem se anima aí?...

Obrigado a todo mundo, e muito obrigado a Jean. E, então, quem quiser ficar com a gente, vamos jantar lá no restaurante Freguesia do Poço.

Tradutor : *Jacques Laberge*
Transcrição: *Maria Luiza Arruda Rodrigues*